

# Entre potência pulsional e defesas precoces: um vir a ser<sup>1</sup>

Raquel Moreno Garcia<sup>2</sup>, Porto Alegre

Como psicanalistas, sabemos o complexo que é para os seres humanos lutar contra a pulsão de morte. A única maneira de lutar contra a pulsão de morte é produzindo coisas de vida. E creio que esta é a ideia com a qual começamos hoje a armar a Constructo. (30 de outubro 1999, conferência de Silvia Bleichmar: “A criança do ano 2000”, inauguração da Constructo)

**E**m tempos iniciais, tempos de excesso, pulsação primária. A grande descoberta freudiana trouxe à luz a existência do inconsciente e a potência da sexualidade infantil em suas manifestações no infantilismo da sexualidade.

Com base em aportes freudianos e pós-freudianos, pensamos sobre a gênese, a constituição da sexualidade a partir do processo de pulsação primária, o que, em Silvia Bleichmar, diz respeito às inscrições sexualizantes veiculadas pelos cuidados que asseguram a vida e inauguram zonas erógenas com um *plus* de prazer inevaluável, irreduzível, absolutamente diverso das grandes necessidades somáticas, as quais são passíveis de uma completa satisfação. Laplanche desenvolve a psicogênese da pulsão ou uma gênese intersubjetiva da pulsão e a teoria da sedução generalizada.

1 Conferência proferida na Jornada Anual de 25 anos da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Psicanalista, sócia fundadora, docente, supervisora e Diretora Científica da Constructo. Coordenadora de ensino, docente e supervisora do Espaço Criar - Formação Psicanalítica.

Acenamos, então, para o movimento copernicano diante do movimento ptolomaico. Trazemos a nascente da pulsão: uma força constante – *drang*, com uma única direção -- progrediente e irredutível, porém transformável, o que sinaliza a existência de um mundo interno composto de resíduos da prioridade do outro sob um regime metabólico que podem apreendidos, resgatáveis *a posteriori*.

Nos artigos da metapsicologia de 1915, Freud propõe:

[...] se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a pulsão nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo. (1915/2007, p. 148)

Todavia, no Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]/1972), documento assaz neurológico com vistas a um psiquismo em vias de constituição, Freud traz a força da alteridade em seu protagonismo diante do estado de desvalimento da cria humana. O pequeno ser frente às exigências da vida necessitará de uma ação específica que lhe garanta condições para que aquelas quantidades em  $\phi$  tornem-se complexidades em  $\psi$ . Cito Freud (citado por GABBI JR., 2003): “O organismo humano é, a princípio, incapaz de levar a cabo essa ação específica. Ela efetua-se por ajuda externa, na medida em que, por meio da eliminação pelo caminho da alteração, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança. Essa trilha de eliminação passa a ter, assim, a função secundária da mais alta importância de comunicação, e o desamparo inicial do ser humano é a fonte originária de todos os motivos morais” (p. 196).

E Freud (citado por GABBI JR., 2003), prossegue:

Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, então este foi capaz, por meio de dispositivos reflexos, de executar sem demora o desempenho necessário no interior de seu corpo para cancelar o estímulo endógeno. Assim, a totalidade representa uma vivência de satisfação, tendo as consequências mais decisivas para o desenvolvimento funcional do indivíduo. (p. 196)

E, a partir de outra perspectiva, ele nos fala sobre a experiência de dor, “o mais imperioso de todos os processos” (1972, p. 326). Entre atração de desejo e inclinação ao recalque, uma organização desponta: o Eu, “[...] cuja existência perturba cursos (quantitativos) que foram executados, na primeira vez, de uma forma determinada (ou seja, acompanhados por prazer ou de dor)” (2003, p. 200). Temos caminhos facilitados, barreiras de contato e processos de escoamento de intensidades, vias colaterais que inibem irrupções hipertróficas de excitação. “Assim, se existir um Eu, ele tem que inibir processos psíquicos primários” (2003, p. 201).

Nessa vivência de satisfação, o objeto oferecido pelo outro humano é inscrito, implantado, uma situação antropológica fundamental segundo Laplanche, sendo a sedução generalizada responsável pela nascente da sexualidade humana, moléculas psíquicas/origens da pulsão, promotoras da vida anímica.

No início, um corpo vivo, pulsante e destinado, sendo humano em se constituir em psíquico. Temos, em Freud: disposição a vir a ser, um projeto. E se temos um corpo, temos vida, temos o outro. Inescapável, então, será o protagonismo da pulsão, em sua errância, esta entidade demoníaca, furiosa, o que nada intenta, nada sente, nada quer, que não ama, tampouco odeia, porém é força disruptiva, progrediente, evacuativa e surpreendentemente combustível de vida, de morte. Se a sexualidade pulsional não é tudo, em

tudo há sexualidade, como adverte Freud, e Laplanche faz chiar a sedução. Bleichmar promove fundamentos para a clínica psicanalítica. E propõe: “Psicanálise esta que, em seus desenvolvimentos, se constitui como a proposta mais fecunda de compreensão da subjetividade humana” (2009, p. 120, tradução livre).

Pobre humano, submetido à exigência imperiosa de trabalho que o pulsional decreta, mas que dispõe, por conta disto, de um patrimônio, de um capital único no sentir, no pensar, no transformar – um árduo privilégio. A vida é bela, mas não é simples!

Vivemos nas tratativas de organizarmos processos protetores que nos assegurem enquanto seres vivíveis desde a mais tenra idade. Que maravilha e que loucura se constituir enquanto gente. E mais impactante ainda: cuidar de gente. Quanta ousadia neste nosso ofício – coisa de louco!

Silvia, traumática e ligadora, com sua generosidade transvazante, desenvolve este modelo-bússola de compreensão a partir de tempos reais/materiais – tempos originários, aqueles que dão origem a. E, se tudo correr razoavelmente bem, tempos que fornecem as condições para que o humano se constitua viável, psíquico diante dos mistérios e da potência da pulsão.

Em Freud, nos inícios da vida, da assistência alheia à ação específica: o Eu; em Laplanche, é do lado da sedução originária às origens da pulsão, via intrusão representacional e econômica imposta pelo adulto à criança, com o residual objeto-fonte da pulsão;

Em Bleichmar, cito:

o princípio de inércia, tendência à descarga zero, é perturbado a partir de algo inerente às transformações mediante as quais este

aparelho incipiente fica entregue a inscrições que são efeito da impulsão do semelhante; “vivência de satisfação” na qual o outro, para sermos mais precisos, restos desprendidos da sexualidade do outro, estão necessariamente inscritos [...] A partir da vivência de satisfação, geram-se então conexões entre imagens-recordações [...]”. (1994, p. 21)

Processo que insiste frente ao ressurgir do desejo, inscrições primeiras constituindo as bases, o embrionário de toda simbolização, em seus inícios, com o advento do autoerotismo.

A partir de outra perspectiva, temos a vivência de dor, a reativação do desprazer enquanto efeito da irrupção de grandes quantidades de excitação provocando inundação no sistema, sem condições de drenagem, de metabolização que acene para possibilidades de domínio desta energia. Nas palavras de Bleichmar, “enquanto a vivência de satisfação proporciona um enlace com representações apaziguadoras, a vivência de dor favorece o reinvestimento da imagem mnêmica do objeto hostil” (1994, p. 22), aquele ausente em sua função narcisizante, enquanto comutador de energias. Poderíamos pensar nos efeitos dramáticos para um bebê, das depressões, psicoses puerperais, drogadições maternas?

Seguindo as setas luminosas, indicativas de vida, encontramos-nos pelos caminhos que indicam as primeiras inscrições às primeiras ligações e defesas precoces diante do excedente traumaticamente aportado pelo semelhante quicá assimétrico, clivado, e vamos em busca de vias colaterais, a seguir vias autoeróticas organizadoras das excitações sempre sobranes, inauguradas e sustentadas pelo outro, responsável pelo corpo biológico, quem possibilita o corpo erógeno com vistas ao corpo representacional, mantendo a observância de que do inscrito ao representado, ao simbolizado, há um longo e sinuoso percurso.

Por quais meios organizar trincheiras defensivas?

Nossa proposta é sublinhar a importância dos movimentos defensivos precoces anteriores ao recalque originário, este largamente desenvolvido por Bleichmar. Seguindo Freud a respeito das vicissitudes da pulsão, encontraremos esses mecanismos resgatados pela autora enquanto estruturantes do psiquismo: transformação no contrário e volta para a própria pessoa. Nas palavras de Silvia, “[...] seu aparecimento marca o primeiro tempo do recalque originário, recalçamento fundante do inconsciente, e da diferenciação entre os sistemas inconsciente e pré-consciente-consciente.” (1993, p. 62). Pensemos sobre as condições para o seu estabelecimento.

Aventuramo-nos nestes tempos de territórios ainda não cercados, do ir e vir pulsional. Quais as condições necessárias para que se estabeleçam tratativas, ensaios de processos defensivos? Por que não se instalariam? Poderiam não evoluir para uma proteção mais robusta frente às intensidades pulsionais? Nossa clínica viva e sempre demandante nos empurra, nos impõe reflexões, tastaveios, para pensar o sofrimento da alma.

Silvia nos adverte sobre os diques que se interpõem à pronta resolução da satisfação pulsional, aqueles promotores de transformações no processo de constituição psíquica. E, se eles não surgem dos fundos do oceano, quais as condições para sua instalação?

Sabemos que coexistem, no inconsciente, este caldeirão das paixões, diferentes tipos de representações, aquelas que poderão ser retomadas, produzindo as formações, auto-elaborações espontâneas, dando origem aos sintomas; representações que, por nunca terem sido transcritas, não podem ser retomadas, capturadas em alguma malha de simbolizações;

representações que surgem sob modos compulsivos, fracasso na fixação no inconsciente – um sujeito fixado ao exercício pulsional.

Retornemos aos fundamentos. Em 1905, Freud anuncia ao mundo a sexualidade infantil que a todos habita, assim como a perversão enquanto uma disposição originária e universal da pulsão sexual humana. Polimorfismo perverso inerente do humano inaugurado pelo outro humano que toma a cria enquanto seu brinquedo erótico, a toca, a acaricia e marca este corpo somático com erogeneidade. E as coisas se complicam, se complexificam, qual seja, a potência da pulsão inscrita no corpo, prenúncios do corpo erógeno – processo de pulsação em Bleichmar.

A árdua tarefa do ser humano consiste em construir meios para se defender do inescapável poderio pulsional. Se correr, o bicho pega; se ficar, o bicho come. Aquilo que é combustível para a vida, que pulsa, é antes de tudo material de alta periculosidade enquanto força disruptiva de morte.

Seguindo Freud: “A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seu cuidado proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas” (1972, p. 229). Vale, aqui, lembrar que essas zonas erógenas, que serão despertadas das profundezas do sono da espécie humana, estavam adormecidas, mas sempre presentes. Prossegue Freud: “[...] em geral, sua mãe, olha-a ela mesma com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como um substitutivo de um objeto sexual completo” (1972, pp. 229, 230). Postula sobre o impacto para essa mãe se soubesse que os efeitos de tal afeição, considerada como amor assexual “puro”, seria o despertar das pulsões sexuais do filho, anunciando sua intensidade ulterior assim como seus destinos. E conclui: “Ela está apenas cumprindo seu dever de ensinar seu filho a amar” (1972, p. 230).

Entre os artigos da metapsicologia de 1915, em *Pulsões e seus destinos*, Freud desenvolve as vicissitudes, destinos, modos defensivos que fazem frente às pulsões, entre eles a transformação no contrário que se desdobra no redirecionamento de uma pulsão da atividade para passividade assim como a inversão em seu conteúdo. O modelo adotado por Freud é fornecido pelos pares de opostos: sadismo/masoquismo e voyeurismo/exibicionismo. Quanto à inversão do conteúdo, será encontrada na transformação de amor em ódio. Aqui, esclarece Bleichmar (2011), em seu resgate sobre esses primeiros tempos de organizações do psiquismo, que amor e ódio não são correlativos do funcionamento pulsional, mas sim formações ligadoras e sublimatórias.

Resgatamos a importância desses tempos antecessores das renúncias definitivas por Freud descritos, e com base na nossa compreensão, pouco desenvolvidos, porém trazendo à cena o ingresso do objeto e suas repercussões, especialmente quando introduz a vigência do narcisismo e seus correlatos na obra. Nesse par pulsão/objeto, em Freud temos um objeto coadjuvante diante do soberano protagonismo da força pulsional e, assim, o retorno/ataque da pulsão contra a própria pessoa que, a nosso ver, ainda se encontra em processo de constituição, em tempos dos primórdios de Eu – a pulsão que, não sendo defletida, ataca este eu corporal, eu realidade originária e causa. Seguimos cercando esses movimentos precoces, precários, porém promissores do psiquismo frente às intensidades pulsionais – sempre perigosas – e encontramos a transformação no contrário: na perspectiva ativo/passivo e vice-versa, fazendo coro com o retorno contra a própria pessoa que, como referimos, ainda não é própria – mecanismos primitivos que se alternam naquela luta incansável, constante exigência de trabalho imposta pela pulsão.

Buscamos os fundamentos em Freud com vistas a desfrutar dos novos fundamentos com a metapsicologia desenvolvida e sustentada por

Bleichmar, ofertada para a clínica do sofrimento psíquico da criança e das patologias de fronteira. Quais são as premissas fundamentais para que um psiquismo possa, em seu processo de constituição e consolidação, contar com esses destinos iniciais, rumo a melhores destinos, complexos e sofisticados, com vistas para recalque e sublimação?

Tratamos, aqui, de movimentos compulsivos, os primeiros tempos de construção de alicerces, que dão notícias de um futuro vindouro em uma tópica psíquica, a partir das condições do outro nesse vasto processo de pulsação primária sexualizante necessariamente traumática que o outro inexoravelmente promove. A criança infectada pela sexualidade do outro, porém, com sorte, e nossa clínica é testemunha, esta cria destinada a processos metabólicos em transformar o dado em próprio – o outro em um si mesmo.

Lembremos que, nos desenvolvimentos freudianos, tendo em vista que o objeto tem seu protagonismo tardio na cena psicanalítica, essas defesas precoces fariam parte de um mundo *a priori* constituído nos arcaísmos dos desenvolvimentos da espécie humana, portanto, tudo com este super bebê freudiano, monádico, sendo este o mesmo bebê que Melanie observa e interpreta e o provê da *phantasy*, atribuindo-lhe potência nos jogos entre introjeções/projeções.

Por aqui, Silvia lança sobre seu bebê um olhar narcisizante, tomando-o em seus braços, reconhece-o ontologicamente humano e ao mesmo tempo identificado enquanto único, via identificação transitiva: um vir a ser outro.

Seguindo o trilhamento facilitado por Silvia, lembremos da tríade constitutiva do Eu, qual seja: recalque originário, identificação primária/originária, narcisismo primário/originário. Anterior à consolidação dessas operações, as quais garantem destinos sofisticados diante da potência pulsional,

encontraremos o esforço do psiquismo em desenvolver mecanismos pré-recalque, constitutivos em uma época da vida, porém denunciando, em outra, em sua permanência, fragilidades do psiquismo.

Silvia, tratando de abordar a volta contra a própria pessoa e transformação no contrário como movimentos correlativos aos primeiros tempos do Eu, em seu complexo processo de consolidação, propõe diferenciar um tempo em que as forças pulsionais encontram obstáculos em sua satisfação daqueles tempos prévios à cisão psíquica. Cito: “Existe um momento em que as primeiras clivagens impõem à criança uma angústia de ser atacada desde o interior; isto leva aos primeiros sonhos, sonhos de angústia que inclusive não têm organização definida” (2000, p. 188, tradução nossa). Momento este em que a pulsão começa a ser alheia, quando vemos que as crianças começam a ter pesadelos, angústias noturnas, medos. No retorno da pulsão contra o incipiente Eu ainda passivizado por tamanho embate.

Sublinhamos esse trajeto que vai das condições das operações pré-recalque à fundação de uma tópica com inconsciente constituído, com sistemas em conflito, indicativo de uma economia psíquica sustentável.

Se dispomos, em Bleichmar, das primeiras inscrições, dispomos da potência de seus desenvolvimentos sobre as ligações prévias para regulação da energia psíquica, para enlaçar, entorpecer, conter o excessivo, o pulsional de forma a promover resistências à evacuação direta. Neste percorrido, alcançamos o autoerotismo: da precocidade defensiva a processos fantasísticos.

Em Silvia, lemos: “O autoerotismo gera as possibilidades libidinais na medida em que produz uma inscrição sexual que logo se ligará no Eu, mas não é suficiente para produzir a ligação narcísica, esta requer o investimento narcísico do outro” (2011, p. 163). Contamos na instalação do autoerotismo como uma sorte de ligação via prazer de órgão, porém

intensidades destinadas à repetição, em sua insistência e permanência, anunciam a falência na organização do sujeito psíquico. Poderíamos pensar no exercício autoerótico da masturbação compulsiva em crianças e adultos graves. Grave, diz-se, de um psiquismo sem forças para peitar o poderio das pulsões.

Estamos refletindo sobre territórios humanos submetidos ao confronto: potência pulsional e potência defensiva.

Trazemos, com base em Freud, em Silvia, erogeneidade, erotismo e amor. Sabemos que subsiste, em toda condição amorosa, uma raiz sexual sublimada, o que não homologa erogeneidade ao amor; a equação é mais complexa. Para alcançar o amor, faz-se necessário a erogeneidade transformada; encontraremos prazer sexual ligado pelo amor ou desligado no gozo. Amor é resposta, cuidado, a garantia fornecida pelo outro semelhante àquele que, também sendo vivido pelo desamparo e alcançado a condição humana, da castração ontológica, se constituirá em agente da ação específica, um suporte via sua eticidade para com o semelhante, para ir em socorro do pequeno ser incipiente. Uma história humana ganha vida. Um corpo ganha alma. E a cultura nos dá notícias: à maior onipotência narcísica corresponde um menor nível de desamparo vivido/sentido. Assim sendo, mais destrutivos nos tornamos.

Silvia resgata Freud, em seus artigos da metapsicologia, em referência à instalação de renúncias via conceito de recalque, propondo como defesas precoces o asco e pudor. Nesse momento da obra freudiana, o objeto ganha protagonismo. Sendo assim, será pela existência do outro que se fará a renúncia daquilo absolutamente prazeroso que ganha estatuto no asco, no asqueroso das fezes, digamos, um certo *unheimlich* primitivo, propõe Bleichmar. Então, no asco, um fenômeno de rechaço corporal, referindo aos mecanismos de expulsão/jogar para o mundo, enquanto, com o pudor,

anuncia-se entre o exibicionismo infantil e o resguardo em ocultar o corpo, os prenúncios da opacidade diante do outro, do público ao privado. E, assim, na constituição das bordas do corpo, a promessa das bordas do Eu. Esta conquista só é possível pela eticidade do outro/objeto atravessado por legalidades próprias que transvazam para a criança.

Bleichmar articula os mecanismos da transformação no contrário e da volta contra a própria pessoa com o asco e pudor. Os primeiros enquanto mecanismos de funcionamento do aparato psíquico, que preparam para sua complexização, e os seguintes, asco e o pudor situados do lado do sujeito, do lado das emoções do sujeito. Portanto, trata-se de expressões defensivas, intrincadas, correlativas.

Esses movimentos defensivos não se constituem tão somente enquanto anteriores ao recalçamento originário, mas são as bases para sua constituição, movimentos pulsionais em pares de opostos: expulsão do atacante/força centrípeta e retorno do pulsional/força centrífuga contra a incipiente pessoa que fazem coro com a transformação no seu contrário, atividade versus passividade e seu oposto.

Trazemos esses movimentos/rompantes defensivos primitivos quando não contamos ainda com uma instância mediadora a pleno vapor que drene o excessivo, o pulsional, uma massa defensiva tecida por investimentos libidinais, transvazamentos ligadores e perdas que se precipitam em identificações, com riqueza amorosa para dentro e para fora, com nome e sobrenome que consolide o fechamento de uma tópica. O Eu está por vir, está a caminho!

E se contamos com defesas, mesmo que precoces em suas manifestações, existe ali a marca do suporte alheio, de um outro, que, se provido de inconsciente, de sua fantasmagoria, é também provido de ética para com

o semelhante, estando, portanto, em condições de instituir mecanismos de demora, de átomos de transformações, do circuito em boomerang, que façam frente a progressões desordenadas de quantidades excitantes na cria. Logo, há ali alguém diferente que faz a diferença. Em outra perspectiva ou na falta desta, na falência desse incrível processo, o silêncio da indiferença, da ausência e os ruidosos ecos da dor. Pensemos na adolescência das escarificações, da inação, das comunidades virtuais que desafiam a morte em tempo real, horrores compartilhados em aplicativos como Discord, com conteúdos explícitos de sexo, autotortura, tortura com animais, transmitidos ao vivo. Nesses nossos tempos, frágeis defesas, um difícil vir a ser. Portanto, do desamparo humano à assistência alheia, o outro: aquele que faz a diferença.

O legado de Silvia Bleichmar fez a diferença na constituição e consolidação de uma instituição, na Constructo Instituição Psicanalítica, em sua permanência na transmissão para as novas gerações que aqui estão, a responsabilidade sobre a resposta, via esta Psicanálise viva, implicada, a nossa.

Agosto de 2024

## Referências

BLEICHMAR, S. *A fundação do inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BLEICHMAR, S. *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2000.

BLEICHMAR, S. *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires, 2011.

BLEICHMAR, S. *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

BLEICHMAR, S. *Superar la inmediatez. Um modo de pensar nuestro tiempo*. Buenos Aires: Jorge Testero, 2009.

FREUD. S. (1915) “Pulsões e destinos da pulsão”, in *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)*. Tradução de L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD. S. (1950 [1895]) “Projeto para uma psicologia científica”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FREUD. S. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

GABBI JR., O. F. *Notas a projeto de uma psicologia. As origens utilitaristas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Kenia Maria Ballvé Behr**

**Raquel Moreno Garcia**

Rua Florência Ygartua, 391/301

90430-010 – Porto Alegre – RS

raquel@cedem.com.br

© Constructo Revista de Psicanálise